

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Universidade de Évora

Um olhar sobre Paulo Freire

Congresso Internacional

Évora, 20 a 23 de setembro de 2000

SABER APRENDER

Um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação

Moacir Gadotti (*)

Em recente entrevista à Revista *Veja* de São Paulo (19 de abril de 2000), Thomas Skidmore, conhecido “brasilianista”, afirmou que o Brasil estava no rumo errado, tentando copiar modelos do exterior, quando deveria buscar seus próprios caminhos e citou Paulo Freire como um exemplo de elaboração de uma pedagogia própria, uma solução apropriada aos problemas brasileiros. “O Brasil, disse ele, age como se não houvesse mais possibilidade de descobrir novos caminhos. O país produziu o método Paulo Freire de alfabetização, que foi estado e se tornou famoso no mundo. Ele foi deixado de lado e, em vez de usar a cultura popular para melhorar o ensino, como propunha Paulo Freire, recorre-se às fórmulas estrangeiras, que nem sempre ajudam”. Um ano antes, Alvin Toffler, “futurólogo” norte-americano, convidado pelo Ministério da Educação para falar sobre educação e novas metodologias na era da informação, apresentou o “Método Paulo Freire” para os convidados dos Ministério, afirmando que era o mais apropriado para o ensino da informática. Disse que há 50 anos Paulo Freire havia criado uma metodologia que hoje os jovens utilizam, espontaneamente, numa espécie de “círculo de cultura”, para ensinar uns aos outros o que aprenderam no uso do computador. Em poucos dias, eles acabam tornando-se “professores” de informática, o que demonstra a eficácia do método global de Paulo Freire.

A obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente não apenas como uma resposta a problemas brasileiros do passado ou do presente, mas como uma contribuição original e destacada da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Não se pode dizer que seu pensamento responda apenas à questão da educação de adultos ou à problemática do chamado “Terceiro Mundo”.

(*) **Moacir Gadotti**, doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, é professor da Universidade de São Paulo e Diretor Geral do Instituto Paulo Freire em São Paulo (Brasil). Escreveu vários livros. Entre eles: *Convite à leitura de Paulo Freire* (traduzido em japonês, espanhol, italiano, inglês), *A educação contra a educação* (francês e português), *Pedagogia da práxis* (português, espanhol, inglês), *História das idéias pedagógicas* (português, espanhol), *Perspectivas atuais da educação e Pedagogia da Terra*. Seu livro *Paulo Freire: uma biobibliografia*, com cerca de 800 páginas, é o trabalho mais completo disponível sobre a vida e a obra de Paulo Freire. No número 10 da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, publicado pelas Edições Afrontamento da cidade de Porto em outubro de 1998 e dedicado especialmente a Paulo Freire, publicou um artigo relatando sua convivência com Freire, com o título “Lições de Freire”. Em março de 2000 participou, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, do “I Colóquio das Ciências da Educação”, cujo tema central foi “Educar, Promover, Emancipar. Os contributos de Paulo Freire e Rui Grácio para uma pedagogia emancipatória”, onde apresentou o tema “Cruzando fronteiras: teoria, método e experiências freireanas”.

Nesse contexto, a pergunta inicial que podemos fazer, para iniciar uma conversa sobre “Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação”, é esta: Quais são as contribuições mais destacadas de Paulo Freire e que lhe deram tamanha notoriedade?

Creio que a validade universal da teoria e da práxis de Paulo Freire está ligada sobretudo a **quatro intuições** originais:

1ª - Ênfase nas **condições gnosiológicas da prática educativa**. Toda obra de Paulo Freire está permeada pela idéia de que educar é conhecer, é ler o mundo, para poder transformá-lo. Ele destacou, desde o início, a importância das metodologias, o que é muito atual. Foi acusado de não dar valor aos conteúdos e, por isso, de ser espontaneísta e não-diretivo. Na verdade ele não foi nada disso: seu pensamento estava fortemente orientado por um projeto político-pedagógico cujo conteúdo era a libertação. As críticas de espontaneísmo e de não-diretividade não procedem.

2ª Defesa da **educação como ato dialógico** e, ao mesmo tempo, rigoroso, intuitivo, imaginativo, afetivo. Paulo destaca a necessidade de uma razão dialógica comunicativa. A teoria do conhecimento de Paulo Freire reconhece que o ato de conhecer e de pensar estão diretamente ligados à relação com o outro. O conhecimento precisa de expressão e de comunicação. Não é um ato solitário. Além de ser um ato histórico, gnosiológico e lógico ele contém um quarto elemento que é a sua dimensão dialógica.

3ª A noção de **ciência aberta às necessidades populares** ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença etc. Seu método, por isso, não parte de categorias abstratas, mas dessas necessidades das pessoas, capturadas nas suas próprias expressões (valor da oralidade) e analisadas por ambos, educador e educando. Nos últimos anos Paulo Freire destacou também as *necessidades planetárias* trazidas ao debate pela ecologia, como necessidades humanas fundamentais, ligadas, por exemplo, ao saneamento básico, ao lixo, à água, à poluição do ar. Dia 17 de abril de 1997, poucos dias antes de falecer, ele falava de ecopedagogia, afirmando que amava a Terra, os bichos, as plantas. Dizia ele numa entrevista dada no Instituto Paulo Freire naquele dia: “Quero sem lembrado como alguém que amou os homens, as mulheres, as plantas, os animais, a Terra”. Um dos seus últimos livros foi *À sombra desta mangueira* onde ele fala do prazer de respirar ar puro (uma das necessidades humanas), de entrar num rio despoluído, de pisar na grama, na areia da praia. E criticava a lógica capitalista que não valoriza esses prazeres gratuitos e por substituí-los por prazeres vendidos e comprados, prazeres que dão lucro. O capitalismo tem necessidade de substituir felicidades gratuitas (necessidades humanas) por felicidades vendidas e compradas, que são, acima de tudo, necessidades do capital e, muitas vezes, não são necessidades humanas; são necessidades impostas aos seres humanos, com a finalidade do lucro.

4ª O **planejamento comunitário, participativo**, a gestão democrática, a pesquisa participante. Sob influência do pensamento de Paulo Freire hoje no Brasil estão se realizando muitas experiências educacionais de enorme impacto, relacionadas com a chamada “Constituinte Escolar”, que utiliza os princípios metodológicos freireanos e com o emblemático “Orçamento Participativo” no quadro do movimento pela Escola Cidadã, outra expressão também utilizada por ele nos últimos anos.

O reconhecimento de Paulo Freire fora do campo da pedagogia, demonstra que o seu pensamento é também **transdisciplinar** e **transversal**. A pedagogia é essencialmente uma ciência transversal. Desde seus primeiros escritos considerou a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Criou o “Círculo de Cultura”, como expressão dessa nova pedagogia que não se reduzia à noção simplista de “aula”. Na sociedade do conhecimento de hoje isso é muito mais verdadeiro já que o “espaço escolar” é muito maior do que a escola. Os **novos espaços da formação** (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, empresas, ONGs, espaço familiar, Internet...) alargaram a noção de escola e de sala de aula. A educação tornou-se comunitária, virtual, multicultural e ecológica e a escola estendeu-se para a cidade e o planeta. Hoje se pensa em rede, se pesquisa em rede, trabalha-se em rede, sem hierarquias. A noção de hierarquia (saber-ignorância) é muito cara à escola capitalista. Ao contrário, Paulo Freire insistia na **conectividade**, na gestão coletiva do conhecimento social a ser socializado de forma ascendente. Não se trata mais de ver apenas a “cidade educativa” (Edgar Faure) mas de enxergar o planeta como uma escola permanente.

Abrir a escola para o mundo, como queria Paulo Freire, é uma das condições para a sua sobrevivência com dignidade, nessa travessia de milênio. O novo espaço escolar é o planeta porque a Terra tornou-se nosso endereço, para todos. O novo paradigma educativo funda-se na condição planetária da existência humana. A **planetaridade** é uma nova categoria que fundamenta o paradigma Terra, isto é, a visão utópica da Terra como um organismo vivo e em evolução, onde os seres humanos se organizam como uma única comunidade, compartilhando a mesma morada com outros seres e coisas.

Paulo Freire não ficou nessas quatro intuições originais. Ao longo de sua vida desenvolveu o que continuamos chamando de **Método Paulo Freire**, distanciando-o de toda conotação tecnicista. Ele não queria que sua teoria do conhecimento fosse reduzida a uma pura metodologia. Por isso não se pode destacar os **quadro passos** do seu método sem entendê-los no contexto de sua epistemologia. Insisto ainda nesse ponto porque existem muitas leituras de Freire nas quais ele mesmo não se reconhecia, quer sejam leituras políticas dogmáticas, sectárias, quer sejam leituras pouco científicas e epistemologicamente pouco rigorosas.

Quais seriam, a meu ver, esses quatro passos do seu “Método”?

1° - **Ler o mundo**. Paulo Freire insistiu a vida toda nesse conceito chave do seu pensamento. O primeiro passo do seu método de apropriação do conhecimento é a *leitura do mundo*. Aqui deve-se destacar a **curiosidade** como pré-condição do conhecimento (interesse, para Habermas). É o aprendiz que conhece. Palavras geradoras, temas geradores, complexos temáticos, codificação, decodificação. No seu último livro Paulo Freire insistia ainda na autonomia do aluno. Dos seus primeiros aos últimos escritos procurou dar dignidade ao aprendente, respeitando a identidade do aluno. Ele não humilhava ninguém, não considerava o educador superior ao educando. Para ele jamais um educador poderia ser arrogante. Nada menos freireano do que um educador arrogante, prepotente. Ele tinha raiva de intelectuais arrogantes, sobretudo de esquerda. Dizia que fazia parte da lógica da direita o intelectual ser arrogante, mas na esquerda era uma deformação

2° **Compartilhar a leitura do mundo** lido. Não posso saber se minha leitura de mundo está correta a não ser que a compare com a leitura do mundo de outras pessoas. O **diálogo** não é apenas uma estratégia pedagógica. É um critério de verdade. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar. O *diálogo* com o outro não exclui o *conflito*. A verdade não nasce da conformação do meu olhar com o olhar do outro. Nasce do diálogo-conflito com o olhar do outro. O confronto de olhares é necessário para se chegar à verdade comum. Caso contrário a verdade a que se chega é ingênua, não crítica e criticizada. O outro sempre está presente na busca da verdade. Esse segundo passo leva à solidariedade. O meu conhecimento só é válido quando eu o compartilho com alguém. Novamente a comparação com o pensamento de Habermas, que Paulo Freire tanto admirava: a ação comunicativa é parte da busca do conhecimento. Não é um ato generoso de compreensão humana do outro. É uma necessidade ontológica e epistemológica.

3° A **Educação como ato de produção e de reconstrução do saber**. Conhecer não é acumular conhecimentos, informações ou dados. Conhecer implica mudança de atitudes, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado universal. Conhecer é estabelecer relações, dizia Piaget e Paulo Freire completava: saber é criar vínculos. O conteúdo torna-se forma. Paulo Freire foi combatido pelos conteudistas iluministas porque eles não chegaram a entender que, em educação, a forma é o conteúdo. Saber em educação é mudar de forma, criar a forma, formar-se. Educar-se é formar-se. Só muito recentemente os pedagogistas conseguiram entender essa nova visão da educação quando discutiram a educação do futuro, como no Relatório Jacques Delors da UNESCO (1998) onde ela está associada a quatro grandes **pilares**: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Pela primeira vez perceberam os especialistas em educação que educar é criar vínculos e não decorar conteúdos. Paulo Freire antecipou-se pelo menos 50 anos com o seu “Círculo de Cultura”, criando uma metodologia prática que oferece as bases para a construção desses pilares e rompendo com a noção clássica de “aula”.

4° A **Educação como prática da liberdade** (libertação). Até aqui creio que o construtivismo de Piaget também iria. Mas o *construtivismo crítico* de Paulo Freire foi além,

afirmando a politicidade do conhecimento. É o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia). Educação não é só ciência: é arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto. Como projeto a educação precisa *reinstalar a esperança*. Nada mais atual do que esse pensamento, numa época em que muitos educadores vivem alimentados mais pelo desencanto do que de esperança.

Não é fácil entender o pensamento de Paulo Freire. Ele não pode ser lido como qualquer outra literatura pedagógica, pois ele não queria escrever textos tecnicamente pedagógicos. Os textos de Paulo são também textos literários e devem ser lidos também como textos literários. Paulo fora professor de português na juventude e continuou durante toda a vida a apresentar seus textos de forma literária. Paulo Freire deu o manuscrito de seu último livro *Pedagogia da autonomia* para Ângela Antunes, diretora pedagógica do Instituto Paulo Freire, em São Paulo, para uma revisão e introdução de títulos e intertítulos ao seu texto original, antes de ser enviado para a publicação. Ângela, professora de português, fez sugestões também de estilo. Por mais que ela argumentasse com Paulo Freire em favor de algumas mudanças literárias, na discussão final do texto, ele, em vários momentos, manteve sua primeira redação. Sua primeira redação era definitiva, mesmo que “inacabada”, dizia ele. Ela era a expressão daquele momento; não era apenas científica, mas era também poética, literária. Paulo Freire reúne nos seus escritos o estilo literário, a linguagem científica e a linguagem poética. Não foi assim que foram escritos os grandes textos filosóficos?

Quais são as **fontes primárias** do seu pensamento? Que autores o influenciaram ou tiveram ressonância nele? Em que corrente ou tendência pedagógica contemporânea poderia ele ser inserido?

Eis algumas perguntas que muitos me fizeram depois de escrever alguns textos sobre Paulo Freire, principalmente depois do livro *Paulo Freire: uma biobibliografia* (1996).

Conversei várias vezes com ele sobre isso. Ele sempre se esquivava. Dizia que isso não era importante. De fato, ele não se interessava muito em saber quais eram os autores ou as correntes filosóficas que o influenciaram. Eu cheguei a escrever que ele era “inclassificável” dentro das correntes pedagógicas. Ele não se interessava por exegese, nem da exegese dos seus textos. Lia-os e relia-os muito para ver se continham equívocos e até para entender-se melhor, aprofundar suas posições. Por isso, cabe a nós, aos estudiosos do seu pensamento, buscar responder a essas perguntas.

Creio que duas foram as fontes mais importantes do seu pensamento: o **humanismo** e o **marxismo**. Nesta ordem.

Paulo Freire foi um dos últimos humanistas. Em seus primeiros escritos, principalmente no seu primeiro livro, ainda inédito *Educação e atualidade brasileira* (este livro está sendo editado para ser publicado pelo Instituto Paulo Freire) ele cita com frequência os filósofos humanistas cristãos Gabriel Marcel e Jacques Maritain, autores que eram muito discutidos nos anos 50. Como humanista afirmou e difundiu a crença de que era possível mudar a ordem das coisas e mostrou como fazê-lo. Para ele a utopia era o verdadeiro realismo do educador.

Embora não se possa falar com muita propriedade de fases do pensamento freireano, pode-se pelo menos dizer que a influência do marxismo deu-se depois da influência humanista cristã. São momentos distintos, mas não contraditórios. Como afirma o filósofo alemão Woldietrich Schmied-Kowarzik, em seu livro *Pedagogia dialética*, Paulo Freire combina temas cristãos e marxistas na sua pedagogia dialético-dialógica. **Paulo Freire é um dialético**. A educação é uma prática antropológica por natureza, portanto ético-política. Por essa razão, pode tornar-se uma prática libertadora. O tema da libertação é ao mesmo tempo cristão e marxista. O método utilizado é que é diferente, a estratégia é diferente. O fim é o mesmo. Encontramos Hegel como referência desde o início. A relação opressor-oprimido lembra a relação senhor-escravo de Hegel. Depois veio Marx, Gramsci, Habermas. Seu pensamento é **humanista e dialético**.

A afirmação da utopia como práxis docente e discente lembra o paradigma humanista, cristão e socialista. O que há de original em Freire, com relação ao marxismo ortodoxo é que ele afirma a **subjetividade** como condição da revolução, da transformação social. Daí o papel da educação como conscientização. Ele afirma o papel do sujeito na história e a história como possibilidade. A história é possibilidade. Não através de um movimento mecanismo de luta de

classes, pura e simplesmente, mas pela ação consciente de sujeitos históricos organizados. Depreendo de Freire que ele admitia que o socialismo é uma utopia que precisa ser renovada pela educação. Isso havia escapado a Marx e Lênin e aos marxistas em geral que pouca importância deram à educação. Por isso Paulo Freire foi criticado pelos marxistas ortodoxos.

A relação entre **educação e utopia** está na base do pensamento freireano. Ela pode ser resumida em cinco pontos:

1° - *Para construir o futuro é preciso primeiro sonhá-lo, imaginá-lo.* No seu último livro, *Pedagogia da autonomia*, ele critica o neoliberalismo exatamente por negar o sonho, por ser fatalista, por negar a possibilidade de mudança. Para ele o neoliberalismo se apresenta, arrogantemente, como a plenitude dos tempos, não reconhece que a história continua se fazendo. O neoliberalismo afirma o “fim da história” porque não lhe interessa que a história mude. Interessa sim que ela continue como está.

2° - *A pedagogia é um guia na construção do sonho.* Não basta sonhar. É preciso saber como construir o sonho. Paulo Freire apresentou os seus “saberes necessários” para realizar o sonho. Ofereceu em *Pedagogia da autonomia*, a mediação pedagógica necessária para conquistá-lo. Todos os livros de Paulo Freire são livros de pedagogia, isto é, são livros destinados à educação para construir o sonho.

3° - *A pedagogia vê primeiro o futuro*, um futuro melhor para todos, a utopia. Depois é que ela se volta para o presente e para o passado.

4° - *A pedagogia freireana é dialógico-dialética.* Não mecânica. A dialética continua válida desde que não exclua a subjetividade. Caso contrário ela se transforma numa mecânica sem sentido que lembra a divina providência cristã. A dialética mecanicista é idealista e idealizadora da realidade.

5° - *A realidade nasce e morre todos os dias.* Se alguém está vivo nasce e morre várias vezes ao dia. Todos têm direito ao sonho. Sempre é possível recomeçar.

“Um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação”, este foi o título que ousadamente dei a esta comunicação tentando mostrar a atualidade do seu pensamento. As **perspectivas atuais da educação** estão marcadas hoje pela **questão do conhecimento**. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça chave para entender a própria sociedade atual. Fala-se em sociedade do conhecimento, às vezes com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e de dados, muito mais do que de conhecimentos. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional como a nossa.

Hoje as teorias do conhecimento na educação estão centradas na aprendizagem. Partindo do pensamento freireano, podemos afirmar pelo menos **sete teses sobre a construção do conhecimento**.

1ª - *O que é conhecer?* É construir categorias de pensamento, dizia Piaget. É ler o mundo e transformá-lo, dizia Freire. Conhecer é tudo isso – construção de categorias de pensamento, ler o mundo, transformar o mundo – mesmo porque não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que, ao conhecer, reconstrói o que conhece.

2ª - *Como se conhecer?* Só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente no que apreendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo, por exemplo. Hoje se dá mais importância às metodologias da aprendizagem, às linguagens e às línguas, do que aos conteúdos. A transversalidade e a transdisciplinaridade do conhecimento é mais valorizada do que os conteúdos longitudinais do currículo clássico.

3ª - *O que conhecer?* Frente à disseminação e à generalização do conhecimento é necessário que a escola e o professor, a professora, façam uma seleção crítica, pois há muito lixo e propaganda enganosa sendo veiculados. Não faltam, também na era da informação, encantadores da palavra para tirar algum proveito, seja econômico, seja religioso, seja ideológico.

4ª - *Por que conhecer?* Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e o conhecimento na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A

atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie, como diz Habermas.

5ª - *Conhecimento e interesse*. Antes de conhecer o sujeito se interessa por (Habermas), é curioso (Freire), é esperançoso (Ernst Bloch). Daí a importância do trabalho de sedução do professor, da professora, frente ao aluno, à aluna. Daí a necessidade da motivação, do encantamento. É preciso mostrar que “aprender é gostoso, mas exige esforço”, como dizia Paulo Freire no primeiro documento que encaminhou aos professores quando assumiu a Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

6ª - *Todos podem conhecer*. Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo. Todos nos educamos em comunhão (Freire).

7ª - *Só é conhecimento válido o conhecimento compartilhado* (Método Paulo Freire).

Nós educadores sentimos falta ainda de outras teses, teses que nos ajudem a entender o **ato de aprender**, para entendermos melhor o ato de ensinar. Para nós educadores não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é e, sobretudo, como aprender. As teses a seguir foram tiradas de múltiplas vivências, seja da minha prática, seja de teóricos que estudei, mas sobretudo da convivência de 23 anos com Paulo Freire. Aprendi dele muitas lições. Tivemos oportunidade, com frequência, de trocar idéias sobre isso. Paulo, como educador, estava preocupado constantemente com o ato de aprender, de estudar, de ensinar. Reuno aqui pelo menos **sete teses** sobre esse tema.

1ª - *Aprendemos a vida toda*. Não há tempo próprio para aprender.

2ª - *Aprender não é acumular conhecimentos*. Aprendemos história não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história.

3ª - *O importante é aprender a pensar* (a realidade, não pensamentos), aprender a aprender.

4ª - *É o sujeito que aprende* através da sua experiência. Não é um coletivo que aprende.

5ª - *Aprende-se o que é significativo* para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida.

6ª - *É preciso tempo para aprender* e para sedimentar informações. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação.

7ª - *“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”* (Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*, 1997, p. 25).

Mencionei acima Edgar Faure e Jacques Delors que coordenaram para a UNESCO comissões internacionais sobre o estado da arte da educação no mundo, o primeiro em 1970 e o segundo, vinte anos depois. Na seqüência, gostaria de mencionar um estudo publicado neste ano por Edgar Morin, encomendado pela UNESCO, sobre a educação do futuro (*Sete saberes necessários à educação do futuro*). Além da contratante dos serviços existem outras coincidências nos três documentos e, sobretudo, a defesa intransigente de uma educação humanista, com todos os méritos e deméritos desta concepção de educação.

O estudo de Morin confronta-se com o contexto da educação na era da informação. O conhecimento tem hoje um peso diferente do que tinha na era da indústria. Vivemos numa época de desconforto, de desasossego. A modernidade nos fez muitas promessas que não foram cumpridas, nos diz Boaventura Santos em seu livro *Pela mão de Alice*. O trabalho desmaterializou-se. *Saber fazer* hoje tornou-se, por isso, mais cognitivo do que instrumental. Não basta aprender, pois o conhecimento é polivalente. Importa muito mais *aprender a aprender* e *aprender a viver juntos*, a participar em projetos comuns. Aprender tornou-se sobretudo fazer uma grande viagem ao interior do ser, com autonomia, *saber cuidar* de si, dos outros, das coisas, esses três “grandes mestres” de que nos fala Rousseau no primeiro livro do seu *Emílio*. Mais importante do que saber é nunca perder a capacidade de aprender.

Como não concordar com Morin quando ele sustenta que o ser humano é formado por uma identidade complexa, individual, e uma identidade comum, transpessoal, terrena? Mais do que terrena, cósmica. Somos **seres complexos**: loucos e sábios ao mesmo tempo, trabalhadores e lúdicos, empíricos e imaginativos, consumistas e econômicos, poéticos e prosaicos. É este o

ponto de partida de Morin dos “saberes necessários à educação do futuro”. Recordemos o que ele nos diz.

1° - *Conhecer o que é conhecer*, prestar atenção à “cegueira do conhecimento”. Ao conhecer, o ser humano pode ser levado ao erro, à ilusão. É um risco que assume todo aquele que se coloca a caminho do conhecimento. Aprender que o próprio erro faz parte desta busca. Existe muito conhecimento produzido pela nossa fantasia. Sem querer, mentimos para nós mesmos. Nossa memória falha. Daí a necessidade de um combate incessante pela lucidez.

2° - *Conhecer o que é pertinente*. Não aprender por aprender ou aprender qualquer coisa. Selecionar o que aprendemos. Aprender o global, o complexo, o contexto. Relacionar o todo com as partes. Superar as antinomias sujeito-objeto, qualidade-quantidade, razão-emoção, liberdade-determinação, essência-existência, superar a racionalização, isto é, a falsa racionalidade.

3° - *Ensinar a condição humana*. O ser humano, na sua existência individual e cósmica, é tudo o que devemos aprender. Conhecer o sentido das nossas vidas, a origem e o destino do universo ou, como diz Morin, nossa “identidade complexa” e nossa “identidade comum”, mais do que terrena. Fazemos parte de um universo em expansão, em auto-organização viva e permanente. Estamos ligados ao mesmo tempo ao sol, que está ligado ao cosmos.

4° - *Ensinar a identidade terrena*. Nosso destino comum no planeta. Compartilhamos com outros seres e coisas, a vida num planeta no qual nosso destino é comum a todos os que fazem parte dele. Nossa identidade terrena nos liga ao destino cósmico, muito mais do que a uma sociedade. Educar para adquirirmos e aperfeiçoarmos nossa identidade e consciência terrenas.

5° - *Educar para enfrentar as incertezas*. Aprender a navegar no oceano do imprevisto, do inesperado, do incerto. A incerteza faz parte da história humana. “O futuro permanece aberto e imprevisível”, nos diz Morin. “O futuro é possibilidade”, nos diz Freire.

6° - *Ensinar a compreensão*. O fim da comunicabilidade humana não é explorar o outro, tirar proveito dele, mas compreendê-lo melhor. Educar para superar a visão mercenária e capitalista de comunicar para manipular. Todos necessitamos de compreensão. Educação omnilateral, multicultural, integral. Comunicação não apenas racional, intelectual, mas afetiva e emocional, intersubjetiva, disponível, aberta a reaprender sempre.

7° - *Aprender a ética do gênero humano*. O novo paradigma é a Terra. A Terra vista como uma única comunidade (Leonardo Boff). A ética não se confunde com uma postura moral individual. Ela representa um comportamento novo face a uma nova compreensão do ser humano como indivíduo/sociedade/espécie. Não tem sentido sermos inimigos uns dos outros pois somos hóspedes de uma mesma Terra, cidadãos do mundo. A Terra é uma Mãe-Pátria comum.

Tudo isso parece muito óbvio, ideal, até idealizado. Por que não fizemos isso até agora? A distância está entre perceber e fazer. Esperamos fazer tudo isso... mas no futuro. E ficamos home com a consciência tranqüila. O que Morin e a UNESCO nos querem demonstrar é que agora temos consciência do que podemos fazer. Não resta dúvida, contudo, que o grau de generalidade dos discursos das grandes organizações inter-governamentais, das grandes **conferências mundiais** de educação, têm muita probabilidade de ficarem no papel. Por que? Porque em educação não basta estar certo. É preciso que esses grandes ideais da educação sejam assumidos pelos agentes da educação, pelo coletivo. Não só assumidos, mas legitimados pelo coletivo. É o coletivo que opera a mudança.

Na década de 90, inspirado na obra de Paulo Freire, nasceu no Brasil um grande movimento em torno da tese da **educação para e pela cidadania**, chamado pelo Instituto Paulo Freire de “Projeto da Escola Cidadã”. O movimento pela “Escola Cidadã”, nasceu no final da década de 80 na educação municipal para fazer frente ao projeto político-pedagógico neoliberal. José Eustáquio Romão defendeu esta tese em seu livro *Dialética da diferença*, em que confronta o pensamento neoliberal com o pensamento freireano que inspirou o Projeto da Escola Cidadã.

A Escola Cidadã está fortemente enraizada no movimento de educação popular comunitária que, na década de 80, traduziu-se pela expressão *escola pública popular* com uma concepção e uma prática da educação realizada em diversas regiões do país. A concepção de

educação popular é certamente a contribuição mais importante da América Latina ao pensamento pedagógico universal.

São inúmeras e profundas as **conseqüências** dessa concepção da educação em termos não apenas de gestão, mas em termos de atitudes e métodos e que formam o novo professor, o novo aluno, o novo sistema, o novo currículo, a nova **pedagogia da educação cidadã**. A seguir enumero algumas delas.

Na Escola Cidadã a presença do professor é importante, mas de um **novo professor**, mediador do conhecimento, sensível e crítico, aprendiz permanente e organizador do trabalho na escola, um orientador, um cooperador, curioso e, sobretudo, um construtor de sentido, um cidadão. Ensinar não é transferir conhecimentos. É criar as possibilidades para a sua produção, para a sua construção.

O aluno chega à escola transportando consigo cada vez mais um mundo e uma carga de informações que ultrapassam o estreito âmbito da família, transmitidas sobretudo pelos meios de comunicação. As crianças hoje dedicam menos tempo à escola e ao estudo do que à televisão. Como fazer uma escola eficaz para esse aluno? Necessitamos de uma **pedagogia** que promova a aprendizagem permanente. A era do conhecimento é também a era da sociedade aprendente: todos tornaram-se aprendizes. A pedagogia da escola cidadã, a pedagogia da educação para e pela cidadania, não está mais centrada na didática, mas na ética e na filosofia. Ela se pergunta como devemos ser para aprender antes de nos perguntar o que devemos saber para aprender e ensinar. Muda a relação ensino-aprendizagem. O diálogo é fundamental, como nos ensinou Paulo Freire. O professor não é mais o que sabe e o aluno o que aprende. Ambos, em sessões de trabalho (“círculos de cultura”), aprendem e ensinam com o que juntos descobrem.

Surge então o **novo aluno** da Escola Cidadã: sujeito da sua própria formação, curioso, autônomo, motivado para aprender, disciplinado, organizado, mas, sobretudo, cidadão do mundo e solidário. Muitas variáveis influenciam a vida pessoal e profissional de uma pessoa. Contudo, pode-se dizer que, para um bom desempenho profissional, vale muito hoje um **histórico escolar coerente**, sem sobressaltos, sem anos interrompidos, sem notas altas e baixas... valerá uma certa regularidade no “currículo”. Valerá o engajamento em atividades coletivas, a prestação de serviços voluntários; valerão os estágios feitos. O que fará a diferença é a **vivência do estudante**, sua capacidade de adaptar-se a novas situações, seu espírito crítico, facilidade de comunicar-se, capacidade de lidar com pessoas e de trabalhar em equipe. Não valerá a acumulação de conhecimentos. Ser aluno brilhante, sobretudo numa “escola lecionadora”, burocrática, não valerá grande coisa. Por isso, **avaliação** de um aluno deve ser global, deve levar em conta um conjunto de critérios, não por disciplina, mas por um programa que incentive a capacidade de continuar aprendendo.

A Escola Cidadã é realmente uma **nova escola**, gestora do conhecimento, não lecionadora, uma escola com projeto eco-político-pedagógico, isto é, um projeto ético, uma escola inovadora, construtora de sentido e plugada no mundo. A capacidade de inovar é essencial na educação do futuro e esta depende também da autonomia dos estabelecimentos de ensino, tanto na gestão dos recursos quanto na gestão da própria escola e da construção do seu projeto pedagógico. O surgimento desta **escola do futuro**, desse aluno e desse professor, depende muito também do surgimento de um **novo sistema de ensino**, único, na medida em que deve democratizar o conhecimento, e descentralizado, na medida em que permite uma pluralidade de organizações e instituições. Esse talvez seja o maior obstáculo à escola cidadã e à educação para e pela cidadania. Ela cresce na base e isso é importante. Mas tem seu crescimento dificultado num sistema de ensino burocrático, lento, preguiçoso, que impede e desestimula a inovação.

Não se pode falar do movimento da Escola Cidadã sem mencionar a **reorientação curricular** a ele associada. O currículo da Escola Cidadã é considerado como espaço de relações sócio-culturais. Além de ser o espaço do conhecimento é também o espaço do debate das relações sociais e humanas, o espaço do poder, do trabalho e do cuidado, da gestão e da convivência. Por isso tem a ver com a ética, a sustentabilidade, a questão da violência. Currículo e projeto eco-político-pedagógico da escola são realidades inseparáveis. O currículo revela a trajetória político-pedagógica da escola, seus sucessos e insucessos, seus fracassos e vitórias. Se

a escola deve continuar o projeto de vida de seus instituintes – professores, funcionários, alunos e comunidade - o currículo relaciona-se também com o projeto de vida de cada um. Por isso, ele precisa ser avaliado e reavaliado constantemente. Ele não pode reduzir-se a conteúdos disciplinares ou atitudinais. Não pode limitar-se a saberes e competências ligados à inteligência. Na Escola Cidadã ele é considerado ao mesmo tempo contexto e processo, projeto de vida institucional e individual.

Nos últimos anos, a concepção de Escola Cidadã foi marcada pela **Ecopedagogia** entendendo o novo currículo com base na idéia de sustentabilidade. A educação para e pela cidadania é também uma educação para uma **sociedade sustentável**. A Escola Cidadã e a Ecopedagogia sustentam-se no princípio de que todos, desde crianças, temos um direito fundamental que é o de sonhar, de fazer projetos, de inventar, como pensavam Marx e Freire; todos temos o direito de decidir sobre nosso destino, também as crianças, como sustentava o educador polonês Janusz Korczak. E não se trata de reduzir a escola e a pedagogia atuais a uma *tabula rasa* e construir por cima de suas cinzas a Escola Cidadã ideal e a ecopedagogia. Não se trata de uma escola e de uma pedagogia “alternativas”, no sentido de que devem ser construídas separadamente da escola e da pedagogia atuais. Trata-se de, no interior delas, a partir da escola e da pedagogia que temos, dialeticamente, construir outras possibilidades, sem aniquilar tudo o que existe. O futuro não é o aniquilamento do passado, mas a sua superação.

Os problemas atuais, inclusive os problemas ecológicos, são provocados pela nossa maneira de viver e a nossa maneira de viver é inculcada pela escola, pelo que ela seleciona ou não seleciona, pelos valores que transmite, pelos currículos, pelos livros didáticos. Precisamos reorientar a educação a partir do **princípio da sustentabilidade**, isto é, retomar nossa educação em sua totalidade. Isso implica uma revisão de currículos e programas, sistemas educacionais, do papel da escola e dos professores e da organização do trabalho escolar. A ecopedagogia, tal como vem sendo desenvolvida pelo Instituto Paulo Freire, implica uma *reorientação dos currículos* para que incorporem certos princípios, tais como:

- 1° - considerar o planeta como uma única comunidade;
- 2° - considerar a Terra como mãe, como um organismo vivo e em evolução;
- 3° - construir uma nova consciência que sabe o que é sustentável, apropriado, e faz sentido para a nossa existência;
- 4° - ser terno para com essa casa, a Terra, nosso único endereço;
- 5° - desenvolver o senso de justiça sócio-cósmica considerando a Terra como um grande pobre, o maior de todos os pobres;
- 6° - promover a vida: envolver-se, comunicar-se, compartilhar, problematizar, relacionar-se, entusiasmar-se;
- 7° - caminhar cotidianamente com sentido;
- 8° - desenvolver uma racionalidade intuitiva e comunicativa: afetiva, não instrumental.

As pedagogias clássicas eram antropocêntricas. A ecopedagogia parte de uma consciência planetária (gêneros, espécies, reinos, educação formal, informal e não-formal). Ampliamos o nosso ponto de vista. Do homem para o planeta, acima de gêneros, espécies e reinos. De uma visão antropocêntrica para uma consciência planetária e para uma nova referência ética. A Escola Cidadã, orientando-se por uma Ecopedagogia ou **Pedagogia da Terra**, deve, por isso, ser entendida também como uma alternativa para a construção de uma sociedade sustentável.

O conhecimento é o grande capital da humanidade. Não é apenas o capital da empresa transnacional que precisa dele para a inovação tecnológica. Ele é básico para a sobrevivência de todos. Por isso ele não deve ser vendido ou comprado, mas disponibilizado a todos. Esta é a função de instituições que se dedicam ao conhecimento, apoiados nos avanços tecnológicos. Esperamos que a **educação do futuro** seja mais democrática, menos excludente. Essa é ao mesmo tempo nossa causa, nossa aposta, nosso desafio. Infelizmente, diante da falta de políticas públicas no setor, acabaram surgindo “indústrias do conhecimento” prejudicando uma possível visão humanista, transformando o conhecimento em instrumento de lucro e de poder econômico.

Cabe a Escola Cidadã inserir-se ativamente no movimento global de renovação cultural aproveitando-se de toda a riqueza de informações disponibilizada pelas **novas tecnologias**. Hoje

é a empresa que está assumindo esse papel inovador. A escola não pode ficar a reboque das inovações tecnológicas. Ela precisa ser um centro de inovação. Nós temos uma tradição de dar pouca importância à educação tecnológica, a qual deveria começar já na educação infantil. Na **sociedade da informação** a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer.

Hoje vale tudo para aprender. Isso vai além da “reciclagem” e da atualização de conhecimentos e muito além da “assimilação” de conhecimentos. A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem: parcerias entre o público e o privado (família, empresa, associações...), avaliações permanentes, debate público, autonomia da escola, generalização da inovação. As conseqüências para a escola e para a educação em geral são enormes: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo; saber articular o conhecimento com a prática; ser aprendiz autônomo e a distância.

Neste contexto de impregnação do conhecimento **cabe à escola**: amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural; cabe-lhe selecionar e rever criticamente a informação; formular hipóteses; ser criativa e inventiva (innovar); ser provocadora de mensagens e não pura receptora; produzir, construir e reconstruir conhecimento elaborado. E mais: numa perspectiva emancipadora da educação, a escola tem que fazer tudo isso **em favor dos excluídos**. Não discriminar o pobre. Ela não pode distribuir poder, mas pode construir e reconstruir conhecimentos, saber, que é poder. A tecnologia contribuiu pouco para a emancipação dos excluídos se não for associada ao exercício da cidadania. A escola deixará de ser “lecionadora” para ser “gestora do conhecimento”. A educação tornou-se estratégica para o desenvolvimento. Mas, para isso, não basta modernizá-la. Será preciso transformá-la profundamente.

A escola precisa ter projeto, precisa de dados, precisa fazer sua própria inovação, planejar-se a médio e a longo prazos, fazer sua própria reestruturação curricular, elaborar seus parâmetros curriculares, enfim, ser cidadã. As mudanças que vêm de dentro das escolas são mais duradouras do que as impostas de fora. Da sua capacidade de inovar, registrar, sistematizar a sua prática/experiência, dependerá o seu futuro. Nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito do sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz. Para isso ele também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que faz dos seus alunos.

Em geral temos a tendência de desvalorizar o que fazemos na escola e de buscar receitas fora dela quando é ela mesma que deveria governar-se. É dever dela ser cidadã e desenvolver na sociedade a capacidade de governar e controlar o desenvolvimento econômico e o mercado. A **cidadania** precisa controlar o Estado e o Mercado. A escola precisa dar o exemplo, ousar construir o futuro. Inovar é mais importante do que reproduzir com qualidade o que existe. A matéria prima da escola é sua visão do futuro.